

DOI: 10.20911/21799024v15n1p89/2024

O ministério dos catequistas compreendido à partir dos tempos e etapas do catecumenato

The ministry of catechists understood from the times and stages of the catechumenate

Renato Quezini¹

Resumo: O presente artigo, tem como objetivo abordar o Ministério dos Catequistas à luz dos tempos e etapas do catecumenato, destacando sua importância na iniciação à vida cristã e sua conexão com a identidade e missão da Igreja. O texto começa ressaltando a relevância da catequese inspirada no catecumenato para promover uma comunhão mais profunda na fé e participação ativa dos fiéis. Na primeira parte, intitulada "*Antiquum Ministerium*", destaca-se a antiguidade e evolução desse ministério na Igreja, desde os primeiros séculos até os documentos contemporâneos. Sublinha-se a necessidade de uma catequese que não apenas transmita conhecimento, mas que conduza os catequizandos a um encontro pessoal com Jesus Cristo, integrando-os à comunidade de fé. A segunda parte, "Os tempos e as etapas celebrativas como pedagogia iniciática para

¹ Renato Quezini é Presbítero da Arquidiocese de Maringá. Mestre em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), e doutorando pela mesma Instituição. Bolsista FAPEMIG. Especialista em liturgia (UNISAL), espiritualidade cristã e orientação espiritual (FAJE) e counseling (FAV), bacharel em filosofia (IFAMA) e teologia (PUC-PR). Membro do grupo de pesquisa: "A Recepção da Reforma Litúrgica e o Debate Litúrgico-Sacramental Contemporâneo", do Programa de Pós-Graduação em Teologia da FAJE.

os catequistas”, explora como os momentos do catecumenato podem ajudar os catequistas a compreenderem sua missão de forma mais profunda. Destaca-se a importância das celebrações litúrgicas como momentos de formação e experiência de fé, tanto para os catequizandos quanto para os próprios catequistas. Enfatiza-se o papel do catequista como mistagogo, aquele que conduz os fiéis para dentro do mistério de Cristo. Conclui-se que o Ministério dos Catequistas vai além da mera transmissão de conhecimento, sendo uma vocação que requer constante aprofundamento na fé e compromisso com a missão evangelizadora da Igreja.

Palavras-chave: Catequistas; Celebração; Iniciação Cristã; Ministério.

Abstract: This article aims to address the Ministry of Catechists considering the times and stages of catechumenate, highlighting its importance in initiating Christian life and its connection to the identity and mission of the Church. The text begins by emphasizing the relevance of catechesis inspired by catechumenate to promote deeper communion in faith and active participation of the faithful. In the first part, titled “Antiquum Ministerium,” the antiquity and evolution of this ministry in the Church are highlighted, from the early centuries to contemporary documents. It underscores the need for catechesis not only to transmit knowledge but to lead catechumens to a personal encounter with Jesus Christ, integrating them into the community of faith. The second part, “The times and celebratory stages as initiatory pedagogy for catechists,” explores how moments of the catechumenate can help catechists understand their mission more deeply. The importance of liturgical celebrations as moments of formation and faith experience is emphasized, both for catechumens and for the catechists themselves. The role of the catechist as a mystagogue, leading the faithful into the mystery of Christ, is emphasized. It is concluded that the Ministry of Catechists goes beyond mere knowledge transmission, being a vocation that requires constant deepening in faith and commitment to the Church’s evangelizing mission.

Keywords: Catechists; Celebration; Christian Initiation; Ministry.

Introdução

Abordar o tema da iniciação à vida cristã, significa destacar que hoje uma catequese com inspiração catecumenal, está permeada por toda uma eclesio-logia ministerial, reforçando a comunhão e a participação. O RICA (n. 41-48), ao tratar dos ministérios e funções responsáveis pela iniciação à vida cristã os apresenta na seguinte ordem: comunidade, introdutores, padrinhos e madrinhas, bispo, presbíteros e diáconos e, por último, os catequistas, cujo tema agora trabalharemos.

O Ministério dos catequistas compreendido à partir dos tempos e etapas do catecumenato reflete não apenas uma prática eclesial, mas um profundo

mergulho na identidade e missão da Igreja. Nesta jornada, a iniciação à vida cristã assume uma importância vital, conectando os fiéis à sua comunidade de fé e nutrindo sua relação com Deus.

Ao longo dos séculos, este ministério tem sido fundamental na transmissão e vivência da fé, adaptando-se às mudanças históricas e renovando-se em consonância com a mensagem do evangelho. Neste texto, dividido em duas partes: por primeiro exploraremos a relevância do ministério dos catequistas, para em seguida, destacar como que o próprio percurso catecumenal, com seus tempos e etapas celebrativas podem ajudar os catequistas a compreenderem sua missão não apenas como função prática, mas sobretudo como dimensão espiritual e mistagógica.

1. *Antiquum Ministerium*

O ministério do catequista é antiquíssimo na Igreja. Testemunha disso é o título que o Papa Francisco deu à Carta Apostólica em forma de *Motu Proprio, Antiquum Ministerium* (2021). Nessa carta, há toda uma valorização do trabalho do movimento catequético e, em especial após o Vaticano II, de todos os passos que foram dados buscando uma transformação de “uma catequese vista apenas como transmissora de conteúdos da fé para uma catequese querigmática, mistagógica e bíblica e, assim, com uma intrínseca ligação com a liturgia” (CNBB, 2022, n. 1).

Na perspectiva da renovação conciliar, na busca por valorizar a vida e a missão dos catequistas, surgiram vários documentos. Destacamos alguns: Diretório Geral de Catequese em três versões (1971, 1997, 2020); Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae* de Joao Paulo II (1979). Especificamente fruto da nossa caminhada de Igreja no Brasil, de grande relevância temos: Catequese Renovada (1983); Diretório Nacional de Catequese (2006); Documento de Estudo 95 sobre o ministério de catequistas (2007); *Iniciação à Vida Cristã: Itinerário para formar discípulos missionários* (2017).

A V Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, realizada em 2007 no Brasil, no Santuário Nacional de Aparecida, cujo tema era “Discípulos e Missionários de Jesus Cristo, para que n’Ele nossos povos tenham vida”, dentro dessa temática iniciática, ressaltou:

Ou educamos na fé, colocando as pessoas realmente em contato com Jesus Cristo e convidando-as para segui-lo, ou não cumprimos nossa ação evangelizadora... A paróquia precisa ser o lugar onde se assegure a iniciação cristã.... Assumir essa tarefa exige não só uma renovação de modalidade catequética da paróquia. Propomos que o processo catequético de formação adotado pela Igreja para a iniciação cristã seja assumido por todo o continente como a maneira ordinária e indispensável de introdução na vida cristã. (DAP n. 287, 293, 294).

Quase como um denominador comum, os documentos acima citados nos convidavam a rever a nossa ação catequética, alegando que, mais do que trans-

missão de conteúdos, a nossa prática pastoral catequética deve levar as pessoas ao encontro “íntimo, profundo, pessoal”, pois como bem salientou a Conferência de Aparecida, “ou educamos na fé colocando as pessoas realmente em contato com Jesus Cristo e convidando-as para segui-lo, ou não cumprimos nossa missão evangelizadora” (MACHADO, 2015, p. 18).

Para cumprir esse objetivo, faz-se necessário a compreensão do que é “catequese mistagógica a partir da explicação dos ritos e símbolos de iniciação. Não se trata de impor ‘irracionalmente’ alguns ritos, mas sim de assimilar o seu significado e expressar através deles a vida, a fé, o sentido e o Mistério” (BORO-BIO, 2009, p. 548).

Em virtude dos desafios lançados pela problemática do momento histórico em que vivemos, é preciso retomar a dimensão querigmática da catequese, num processo de iniciação que, por etapas, introduza o catequizando na fé e na vida cristã. “Com isso, o catequista assume a função de mistagogo – condutor e introdutor no Mistério de Cristo – que, durante os primeiros séculos da Igreja, teve grande sucesso e caracterizou o catecumenato no tempo da primeira Patrística” (FRISULLO, 2017, 52).

Por se tratar de um ministério antigo, encontramos a função dos catequistas expressa já na Tradição Apostólica de Hipólito de Roma, em que fica clara a diversidade ministerial presente na Igreja nascente ao longo do processo catecumenal.

Os que são trazidos, pela primeira vez, para ouvir a Palavra sejam primeiramente conduzidos à presença dos catequistas – antes da entrada do povo e sejam interrogados sobre o motivo pelo qual se aproximam da fé... deem testemunho deles os que os tiverem conduzido, dizendo se estão aptos a ouvir a Palavra de Deus. (TRADIÇÃO APOSTÓLICA, 2004, p. 60-66).

Ou seja, os que dão o testemunho do candidato conduzido são os introdutores, aqueles que os acompanharam nesse início de caminho e que agora os apresentam aos catequistas para que deem continuidade na formação. Quanto a isso, afirma o RICA:

Os catequistas, cuja função é importante para o progresso dos catecúmenos e desenvolvimento da comunidade, terão, sempre que possível, parte ativa nos ritos. Cuidem de que a catequese seja penetrada do espírito evangélico, em harmonia com os ritos e o calendário litúrgicos, adaptada aos catecúmenos e, na medida do possível, enriquecida pelas tradições locais. (RICA n. 48)

Padre Domingos Ormonde (ORMONDE, 2001, p. 9.) nos ajuda a refletir os pormenores desse número do RICA, afirmando que, neste sentido, poder-se-á promover um desenvolvimento da comunidade, já que o ministério dos catequistas é valioso para a comunidade cristã, pois os leigos têm uma sensibilidade especial para encarnar o Evangelho na vida concreta e de fazer chegar a mensagem ao coração dos fiéis. Nesse sentido, reforçamos que “a pessoa do

catequista é o elo fundamental que une os catecúmenos à comunidade e une a comunidade aos catecúmenos. O catequista é decisivo para que a comunidade entre no espírito da iniciação à vida cristã” (REINERT, 2023, p. 29-30).

O momento histórico em que vivemos, com seus valores e contravalores, desafios e mudanças, exige dos evangelizadores preparo, qualificação e atualização. Nesse contexto, a formação catequética de homens e mulheres é prioridade absoluta. Qualquer atividade pastoral que não conte, para sua realização, com pessoas realmente formadas e preparadas coloca em risco a sua qualidade (CNBB, 2006, n. 252).

Para a formação dos catequistas, é preciso sabermos que não basta boa vontade. O papa Francisco, agora ao instituir o “Ministério laical de catequistas”, dá grande ênfase na formação dos agentes, orientando que: “recebam a devida formação bíblica, teológica, pastoral e pedagógica, para ser solícitos comunicadores das verdades da fé” (AM, n. 8). Eles devem ser pessoas bem-preparadas e bem formadas para que estejam aptas para dar respostas às perguntas trazidas tanto pelos adultos, como pelas crianças, adolescentes e jovens sedentos de aprofundar a fé.

A grande missão dos catequistas é proporcionar o crescimento na fé. “Deles depende o bom êxito do catecumenato, pois serão os responsáveis pela condução do grupo dos catecúmenos e catequizandos desde a celebração de entrada no catecumenato até a recepção dos sacramentos e o acompanhamento no tempo da mistagogia” (NENTWIG, 2015, p. 108-109).

O catequista deve mostrar que valeu a pena ter encontrado Jesus, pois nele descobriu outras motivações e razões para viver. Sem a presença de Jesus narrada em sua vida, sua catequese será inócua e o anúncio não provocará atração no catequizando. Quando o catequista acolhe em sua vida o amor de Deus manifestado em Jesus, dificilmente pode conter o desejo de comunicá-lo aos outros. E o catequizando, que, sem dúvida, vai perceber isso, não poderá ficar indiferente e se deixará contagiar por esse testemunho (FRISULLO, 2017, p. 29).

Ser catequista é ser testemunha de amor a Deus e a Igreja, sendo coerente com aquilo que prega, fazendo a ligação da fé com a vida. Discernimento, sensibilidade e um olhar misericordioso são requisitos essenciais ao catequista, que procura manifestar o desejo de Deus de adentrar no íntimo do coração dos catecúmenos. E, nesse sentido, dizia o papa Francisco: “A Igreja cresce não por proselitismo, cresce por atração do testemunho alegre do anúncio de Cristo ressuscitado” (FRANCISCO. Homilia na missa de canonização de São José de Anchieta).

Como já mencionado acima, todos os ministérios devem se envolver no processo catecumenal, mas serão os catequistas que no dia a dia estarão se encontrando com os catequizandos. Por isso salienta Frei Reinert: “enquanto o catequista auxilia o candidato a discernir e a crescer na sua adesão inicial a Cristo e à Igreja, ele mesmo não pode perder essa rica oportunidade para crescer

no discernimento e clarear sempre mais suas reais motivações pela causa da iniciação à vida cristã” (REINERT, 2023, p. 14-15).

É de suma importância destacar que não se trata de “dar catequese, transmitir conteúdo”, mas, em primeiro lugar, o catequista se colocar nessa experiência com os catecúmenos e inclusive com eles vivenciar cada tempo, cada celebração, renovando o seu primeiro amor e o constante sentido do seu servir. Elencamos, a seguir aos catequistas de forma particular, uma série de questionamentos a partir dos tempos e etapas propostos pelo RICA, que nos levam hoje a uma catequese com inspiração catecumenal, a fazerem uma auto-avaliação de sua caminhada pastoral².

2. Os tempos e as etapas celebrativas como pedagogia iniciática para os catequistas

Quando nos deparamos com o tempo do **pré-catecumenato**, que tem como ponto alto a experiência querigmática do amor de Deus (RICA n. 9-13), é importante que o catequista enquanto auxilia o candidato a discernir e a crescer na sua adesão inicial a Cristo e à Igreja, ele mesmo não perca “essa rica oportunidade para crescer no discernimento e clarear sempre mais suas reais motivações pela causa da iniciação à vida cristã” (REINERT, 2023, p. 14-15).

Cabe ao catequista, portanto, trilhar com os candidatos esse percurso da iniciação, fazendo a si mesmo estas e outras perguntas: Como está minha relação pessoal com Jesus Cristo? Por que sou catequista? O que me motiva nessa missão? Discernimento, sensibilidade, olhar misericordioso, são requisitos essenciais ao catequista para manifestar o desejo de Deus de adentrar no íntimo do coração do catecúmeno. Sabendo disso, será que aproveitamos esse momento para também nós, enquanto catequistas para refazermos o nosso encontro amoroso com o Senhor?

A celebração de entrada no catecumenato é de uma grandeza eclesiológica, pois agrega a pessoa a um conjunto de relacionamentos pessoais e estruturais. A partir dessa celebração, os catecúmenos são considerados cristãos: “cercados pelo amor e a proteção da Mãe Igreja como pertencendo aos seus e unidos a ela, já fazem parte da família de Cristo” (RICA n. 18). Nessa celebração os catecúmenos e catequizandos publicamente são acolhidos para fazer parte da comunidade dos filhos de Deus.

Deveríamos nos perguntar: o que essa celebração diz a nós enquanto catequistas? Essa celebração é ocasião para refazermos nossa adesão de pertença a essa comunidade paroquial que amamos e por isso servimos? Ou corremos o risco de achar que essa celebração só tem sentido para os eles?

² Frei João Fernandes Reinert tem sido um referencial no Brasil nos escritos e assessorias na linha de uma aplicabilidade da iniciação à vida cristã na prática pastoral. Recomendamos a leitura de seu livro intitulado: *A identidade do catequista a partir das celebrações do RICA*, pois a partir dos tempos e das etapas do percurso catecumenal ele vai questionando os catequistas para que se coloquem em cena, se questionando sobre o diz cada um desses momentos celebrativos.

Na celebração de entrada no catecumenato, os catecúmenos e catequizando recebem o livro da Palavra de Deus, mais que um livro, o intuito é estimular a vida de oração por meio de um encontro com a Palavra. Nesse sentido, o RICA, prevê ao longo do catecumenato as celebrações da Palavra de Deus têm como intuito “oportunizar a experiência das formas e as vias da oração que lhes são possíveis realizar; e, também, introduzi-los aos poucos na liturgia celebrada pela comunidade” (RICA n. 106). Padre Thiago Faccini Paro, nos diz:

É importante frisar que é indispensável que as celebrações da Palavra estejam em estreita sintonia com o calendário litúrgico, e, mais ainda, que cada tempo litúrgico, com seu conteúdo e sua espiritualidade, seja refletido e vivido pela catequese, pois o ano litúrgico torna presente o mistério de Cristo, oferece maior possibilidade de viver o processo catequético na comunidade de fé e fortalece, desta forma, a união entre catequese e liturgia (PARO, 2019, p. 30).

Segundo Casiano Floristán, “trata-se de celebrar, não de explicar; de experimentar, não de conhecer racionalmente. A intenção é conseguir que os catecúmenos participem na liturgia” (FLORISTÁN, 1993, p. 216). Ou seja, a uma íntima ligação entre iniciação à vida litúrgica e iniciação à vida cristã. “A melhor iniciação faz-se através de uma autêntica celebração” (FLORISTÁN, 1993, p. 216).

A catequese com inspiração catecumenal entra na dinâmica do RICA que é composto-formado por um itinerário espiritual de passagem do “velho homem para o novo” (Rm 6,8). Por meio dos ritos litúrgicos, os catecúmenos já fazem a experiência de se sentirem “gradativamente purificados e protegidos pela graça divina” (RICA n. 8 e n. 19). Esses ritos apresentados pelo RICA são os exorcismos e as bênçãos, que, para além de qualquer interpretação errônea, nada mais são do que a “manifestação concreta dos cuidados que a Mãe Igreja tem para com os catecúmenos” (RICA n. 101-102).

Neste sentido, os catequistas têm a grande responsabilidade de fazerem essa integração, devem primeiramente eles serem homens e mulheres mistagógicos, que fizerem a experiência do Mistério para comunicá-lo aos demais. “O catequista litúrgico não é apenas homem e mulher do saber teológico e doutrinal; ele conhece o mistério, anuncia o mistério e sobretudo, o saboreia e o celebra. O catequista é um ministro do saber e do sabor, do conhecimento e da experiência” (REINERT, 2023, p. 50).

Nesse percurso catecumenal realizam-se também, a *celebração das entregas*, pelas quais a Igreja confia aos eleitos os antiquíssimos documentos da fé e da oração, isto é, o Símbolo (Creio) e a Oração do Senhor (Pai Nosso) (RICA n. 25, 2). “Nos ritos da entrega do Creio e da Oração do Senhor, pode-se visualizar a beleza evangelizadora da Igreja a partir do movimento: transmitir-receber-acolher-viver, ou seja, a Igreja desde os primórdios transmite de geração em geração, a fé apostólica” (REINERT, 2023, p. 57).

Diz o ritual: “No decorrer do tempo do catecumenato, faça-se a entrega do Símbolo. O momento oportuno poderia ser escolhido de acordo com a evolução

da catequese” (RICA n. 184). Ou seja, depois que o catecúmeno participar dos encontros catequéticos, onde rezaram, estudaram, refletiram sobre as razões centrais da nossa fé (Creio). É de suma importância que se compreenda que o centro da fé cristã consiste nisso: “O núcleo central da profissão de fé do cristianismo é este: Creio em Deus Pai, creio em Deus Filho, creio no Deus Espírito Santo. A vida cristã e trinitária ou não é cristã” (REINERT, 2021, p. 20).

Na entrega do Creio, aos seus catecúmenos o catequista é convidado a renovar sua fé, e mais do que isso, a perguntar a si mesmo pelo “conteúdo” de sua fé” e quais as razões de sua fé. Ou, porventura, corremos o risco de cair na rotina de rezar ou dizer dominicalmente o Creio sem que isso diga nada ao nosso coração?

O mesmo se diz sobre a Oração do Senhor, depois de realizarem encontros catequéticos refletindo, discutindo, compreendendo a oração do Pai Nosso, com seus sete pedidos, como um tratado de oração, deixado por Jesus aos seus seguidores, é que se procede com a celebração, quando se entrega publicamente diante da comunidade celebrante a Oração do Senhor aos catecúmenos. “Desde a antiguidade é a oração característica dos que recebem no batismo o espírito de adoção de filhos” (RICA n. 188).

O objetivo dessa entrega, que concentra a atenção na Oração do Pai Nosso como modelo de oração para o discípulo, é ressaltar a necessidade que o catecúmeno precisa estabelecer com Deus através da intimidade da oração, seja ela de louvor, petição, seja de agradecimento. “Com o rito da entrega da Oração do Senhor, o que se pretende é ajudar os catecúmenos a fazerem uma experiência especial de oração. Bem sabemos que, sem vida orante, não se pode falar de iniciação à vida cristã” (REINERT, 2023, p. 60).

Ao catequista cabe também renovar seu compromisso de aprofundar sua consciência cristã e esclarecer a identidade de seu ministério. Com a entrega da Oração do Senhor, é reavivada em cada catequista a certeza de que Deus é um Pai Amoroso. É nesse Deus que o catecúmeno é iniciado e é desse Deus que o catequista é enviado como missionário.

Concluindo o tempo do catecumenato, depois de ter realizado o caminho de crescimento na fé, os catecúmenos e catequizandos são, por meio de uma celebração, declarados *eleitos pela Igreja* (RICA n. 133-151) para a recepção e celebração dos sacramentos na noite da Vigília Pascal. Essa eleição se baseia no “chamado do próprio Deus que não cansa de atrair a si os seus filhos e filhas” (CIC, 2017, n. 27).

Neste sentido, como catequistas que participaram do caminho de crescimento desses que são declarados eleitos pela Igreja, somos chamados a pensar sobre o nosso chamado, refazer a nossa experiência do primeiro amor e da nossa eleição por parte de Deus.

No tempo da *purificação e iluminação*, que geralmente ocorre durante a Quaresma, acontecem três escrutínios (RICA n. 160-179) que visam consolidar nos eleitos aquilo que já é bom e pedir a Deus a graça do fortalecimento, conversão e purificação daquilo que ainda precisa ser curado (RICA n. 25, 2). Frei

Reinert reconhece que são tantas as tentações que porventura tentam fazer os catequistas desanimarem da missão. “O fardo de muitas vezes não contarem com o apoio da comunidade eclesial, bem como, na maior parte dos casos, a não participação e o não envolvimento dos primeiros catequistas – que são os pais – na educação da fé de seus filhos, é sem dúvida, um entrave na missão do catequista” (REINERT, 2023, p. 78).

Novamente, tanto catecúmenos quanto catequistas precisam mergulhar no mistério dessas celebrações para se manterem fiéis e perseverantes na caminhada pedindo a Deus a graça de consolidação das virtudes e a cura dos vícios para se manterem fiel no discipulado catequético.

A Vigília Pascal, mãe de todas as Vigílias, é noite de festa, pela Ressurreição do Senhor e pelo nascimento de novos filhos e filhas por meio dos sacramentos pascais (RICA n. 208-234). Segundo Victor Codina: “A perspectiva é decididamente a favor de festas religiosas e não de meras cerimônias. Portanto, nesta fase do processo de iniciação, a evangelização é muito mais do que executar rubricas e dizer algumas palavras; é uma pastoral da alegria da fé onde encontramos um Deus festivo” (CODINA; IRARRAZAVAL, 1987, p. 160-161).

Como catequistas e comunidade de fé, devemos demonstrar a nossa alegria pelo caminho percorrido com esses nossos irmãos e irmãs que agora nascem para uma vida nova de modo sacramental. E como batizados, devemos nos alegrar igualmente por entrarmos na intimidade da celebração renovando as nossas promessas batismais e com eles participarmos do banquete da eucaristia como ápice e centro da vida cristã (RICA n. 234).

A mistagogia é o último tempo do percurso iniciático (RICA n. 235-239), isso demonstra que todo o enfoque desse caminho percorrido não foi em vista do sacramento, mas para conduzir o catecúmeno ou catequizando a uma experiência de fé com o Senhor que o tornou um fiel. Os sacramentos celebrados foram consequência desse caminho pedagógico de crescimento na fé: candidato-catecúmeno-eleito-fiel.

Apostamos nessa ideia: “Embora o último tempo do percurso catecumenal se chame mistagogia, há de se ter presente que todo o processo catecumenal é mistagógico, ou seja, todos os elementos da metodologia catecumenal são, fundamentalmente, canais que conduzem o catecúmeno para dentro do mistério, que é Jesus Cristo” (REINERT, 2023, p. 80). O catequista deve ser um mistagogo por excelência.

Se a identidade da inspiração catecumenal é a mistagogia, isso implica que a mistagogia deve ser também a responsabilidade inalienável do catequista, que está dedicado à iniciação na vida cristã. A identidade mistagógica do catequista o conduz a uma mudança radical na forma como exerce seu ministério. O foco se desloca da identidade do doutrinador, mero transmissor de conhecimentos religiosos, para o gerador de experiências de vida cristã. Em última análise, o coração do catequista é mistagógico, pois é no coração de Deus e no próprio coração do catequista que novos cristãos são gerados para a vida cristã.

Conclusão

Ao final desta reflexão, torna-se claro que o Ministério dos catequistas não é apenas uma responsabilidade prática, mas uma vocação profundamente ligada à identidade e missão da Igreja. Através dos tempos e etapas do catecumenato, os catequistas desempenham um papel crucial na iniciação à vida cristã, conduzindo os fiéis a um encontro pessoal com Cristo e uma integração plena na comunidade de fé.

Sua missão vai além da mera transmissão de conhecimento, abraçando uma abordagem mistagógica que os coloca como facilitadores de experiências genuínas de fé e encontro com o divino. Assim, cabe a cada catequista renovar constantemente seu compromisso de aprofundar sua própria fé e identidade cristã, tornando-se verdadeiros instrumentos da graça divina na vida daqueles a quem servem. Como já dizia Tertuliano: “Não nascemos cristãos, tornamo-nos”, o mesmo aplicamos aos catequistas, ninguém nasce catequista, é um caminho pedagógico de crescimento na fé para responder ao chamado de Deus e tornar-se catequista.

Referências bibliográficas

- BOROBIO, Dionísio. *La Iniciación Cristiana*. 3.ed. Salamanca: Sígueme, 2009.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 4.ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas / Loyola / Ave-Maria, 2017.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *Documento de Aparecida*: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas, 2007.
- CODINA, Victor; IRARRAZAVAL, Diego. *Sacramentos de Iniciación*. Agua y Espíritu de Libertad. Madrid: Paulinas, 1987. (Colección Cristianismo y Sociedad).
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Catequistas para a catequese com Adultos*. São Paulo: Paulus, 2007. (Coleção estudos da CNBB n. 84).
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Critérios e itinerários para a Instituição do Ministério de Catequista*. Documentos da CNBB 112. Brasília: Edições CNBB, 2022.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretório Nacional de Catequese*. Documentos da CNBB 84. São Paulo: Paulinas, 2006.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos*. Documentos da CNBB 107. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2020. Coleção.
- FRANCISCO. *Carta Apostólica em forma de Motu Próprio Antiquum Ministerium*. Brasília: Edições CNBB, 2021. (Coleção Documentos Pontifícios 48).

- FLORISTÁN, Casiano. *Il catecumenato*. Roma: Edizioni Borla, 1993.
- FRISULLO, Vicente. *Espiritualidade e missão do catequista – a partir do documento da CNBB n. 107*. São Paulo: Paulinas, 2017.
- MACHADO, Marcelo Luiz. Uma Catequese sólida em tempos líquidos. *Revista de Catequese*, São Paulo, Ano 38, n. 145, jan/jun 2015.
- NENTWIG, Roberto. *Iniciação à Comunidade Cristã*. A relação entre a comunidade evangelizadora e o catecumenato de adultos. São Paulo: Paulinas, 2015. (Coleção catequética).
- ORMONDE, Domingos. Outros pontos de partida. *Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 165, mai/jun 2001.
- PARO, Thiago Faccini. *Catequese e liturgia na iniciação cristã*. O que é e como fazer. Petrópolis: Vozes, 2019.
- REINERT, João Fernandes. *A identidade do catequista a partir das celebrações do RICA*. São Paulo: Paulus, 2023. (Coleção Biblioteca do catequista).
- REINERT, João Fernandes. *Trindade – Mistério de relação*. Petrópolis: Vozes, 2021. (Coleção Iniciação à Teologia).
- SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos*. Renovado por decreto do Concílio Vaticano II, promulgado por autoridade do Papa Paulo VI. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007.
- TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA. *Liturgia e catequese em Roma no século III*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.